

## *O brincar e a consciência de si e do outro\**

1. Na criança, a consciência individual surge com o desenvolvimento de sua consciência corporal, quando ela aprende seu corpo e o aceita como seu domínio de possibilidades, ao aprender a viver consigo mesma e com os outros na linguagem. Esse processo ocorre como um aspecto normal do desenvolvimento, no qual a criança só alcança a plenitude de sua integridade biológica sensorio-motora, emocional e intelectual se vive na total confiança que a plena aceitação da mãe e do pai implicam. Isso não é fantasia. As dinâmicas corporal e fisiológica da criança são diferentes se ela vive na confiança trazida pela aceitação ou sob a dúvida ou a desconfiança que configuram a rejeição. E o seu corpo (inclusive, é claro, o sistema nervoso) cresce de modo diverso em cada caso. Ademais, essa dependência – ou melhor, essa interdependência entre as dinâmicas corporal e de aceitação mútua – da confiança e da desconfiança na relação interpessoal está presente durante toda a vida humana.
2. Em nossa cultura, o desenvolvimento mental sadio da criança como ser amoroso, física, emocional e intelectualmente bem integrado, é freqüentemente alterado – algumas vezes de modo dramático –, porque implica um modo de vida que exige continuamente que a mãe ou o pai

- dirijam sua atenção para além do presente de seu encontro com os filhos. Se os olhos da mãe ou do pai não se encontram com os da criança ou bebê; se a mãe ou o pai não respondem aos sons do bebê com sons congruentes, segundo o fluxo de suas interações com ele; se, enfim, não tocam a criança ou bebê quando estes os tocam, a criança ou o bebê se tornam seres sem identidade nem sentido próprio. Isto é, caem num vazio existencial, pois carecem da referência operacional por meio da qual geram as coordenações sensorio-motoras que, ao fazer deles seres sociais na linguagem, os tornarão humanos.
3. A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando cresce na consciência operacional de sua corporeidade. Ela só pode crescer dessa maneira quando o faz numa dinâmica de brincadeiras com a mãe e o pai. Nessas interações, seus corpos se encontram em total aceitação mútua quando se tocam, escutam-se e se vêem no presente, numa dinâmica de confiança mútua e total. É essa confiança que dá à criança a possibilidade de crescer em auto-aceitação e auto-respeito que possibilitam que ela aceite os outros, o que constitui a vida social. Em outras palavras, é na confiança não-competitiva em seu próprio ser que uma criança adquire, ao viver a confiança e a aceitação de seus pais no brincar, a possibilidade de entrar na confiança não-competitiva e na aceitação do outro na coexistência que constitui o domínio das relações sociais.
  4. As exigências da vida cotidiana – próprias da coexistência na rede de conversações que compõe nossa atual cultura ocidental – interferem com a habilidade natural da mãe para se encontrar com seus filhos no brincar. Acontece que a maneira de viver implicada nessa cultura impele

\* Verden-Zölller, 1978 e 1982.

continuamente a mãe a distanciar sua atenção de seus filhos quando está com eles, por meio de discursos sobre temas como o futuro, o êxito, a realização profissional, as aspirações de progresso... Em outros termos, uma mãe que esteja pensando em seu próprio êxito profissional – ou no futuro de seus filhos, ou em como eles sobreviverão – quando deveria viver com eles no brincar e não o faz, não se encontra com seus filhos no presente de sua interação. Quando isso acontece, mães e filhos não se enxergam. De fato, na cultura ocidental muitos de nós perdemos a capacidade de brincar, pelo fato de estarmos continuamente submetidos às exigências do competir, projetar uma imagem ou obter êxitos, numa forma de vida já descrita como luta constante pela existência. Para ser realmente pais e mães que vivem com seus filhos no presente, e não na fantasia do futuro ou do passado, temos de readquirir essa capacidade.

5. Brinca-se quando se está atento ao que se faz no momento em que se faz. Isso é o que agora nos nega nossa cultura ocidental, ao chamar continuamente nossa atenção para as conseqüências do que fazemos e não para o que fazemos. Assim, dizer “devemos nos preparar para o futuro” significa que devemos dirigir a atenção para fora do aqui-e-agora; dizer “devemos dar boa impressão” quer dizer que devemos atentar ao que não somos mas ao que desejamos ser. Ao agir dessa maneira, criamos uma fonte de dificuldades em nossa relação com os outros e conosco mesmos, pois estamos onde está a nossa atenção e não onde estão nossos corpos. Brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de

montar num cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade. Nós, adultos, em geral não brincamos, e freqüentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos com nossos filhos. Para aprender a brincar, devemos entrar numa situação na qual não podemos senão atentar para o presente (como acontece nos seminários maternos e nos grupos de jogos materno-infantis da Dra. Gerda Verden-Zöller).

6. Nossa consciência operacional do mundo em que vivemos é uma expansão de nossa consciência corporal. Os mundos que vivemos surgem como domínios de ações enquanto realizamos nossa corporeidade em nossas coordenações sensório-motoras. Desenvolvemos consciência corporal ao crescer em total aceitação do corpo na intimidade das relações de brincadeiras com nossas mães e pais. Ademais, todas as dimensões de nossa existência humana, na condição de seres que vivem no linguajar, acontecem como reconsiderações sobre o operar de nossa corporeidade. Elas expandem a consciência corporal à medida que existimos como seres sociais, que se tornam o que são pela total aceitação e confiança que prevalecem no brincar materno-infantil.
7. Para nós a brincadeira é uma atitude fundamental e facilmente perdível, pois requer total inocência. Chamamos de brincadeira qualquer atividade humana praticada em inocência, isto é, qualquer atividade realizada no presente e com a atenção voltada para ela própria e não para seus resultados. Ou, em outros termos, vivida sem propósitos ulteriores e sem outra intenção além de sua própria prática.

Qualquer atividade humana que seja desfrutada em sua realização – na qual a atenção de quem a vive não vai além dela – é uma brincadeira. Deixamos de brincar quando perdemos a inocência, e a perdemos quando deixamos de atentar para o que fazemos e voltamos nossa atenção para as conseqüências de nossas ações – ou para algo mais além delas –, enquanto ainda estamos no processo de realizá-las. Adquirimos consciência individual e social por meio da consciência corporal operacional. Esta, por sua vez, é por nós adquirida no livre brincar com nossas mães e pais ao crescermos como seres que vivem na linguagem, na intimidade de nossa convivência com eles. Perdemos nossa consciência social individual à medida que deixamos de brincar. E assim transformamos nossas vidas numa contínua justificação de nossas ações em função de suas conseqüências, num processo que nos torna insensíveis em relação a nós mesmos e aos demais.

### *O caminho desdenhado\**

Prezadas senhoras, quero dizer-lhes algumas palavras sobre o amor e a origem da humanidade. E também mostrar-lhes como isso se relaciona com o trabalho que vocês fazem com a Dra. Verden-Zöllner, bem como com outros aspectos da vida diária.

\* Palestra dada na Alemanha por Humberto Maturana, por ocasião da graduação de um grupo de mães participantes num curso (oficina) de relação materno-infantil.

Não há nada mais difícil do que estudar a normalidade com base na normalidade, porque estamos acostumados a olhá-la pelo ângulo patológico. Por isso, ao estudar o normal da relação materno-infantil, a Dra. Verden-Zöllner fez algo fora do comum. Contudo – e ao mesmo tempo –, não há nada mais difícil de valorizar e respeitar do que aquilo que o outro nos diz, quando é tão fundamental que depois de ouvido nos parece óbvio. Tomara que não nos aconteça isso com o que nos mostra a Dra. Verden-Zöllner e que agora assinalo nesta conferência. Ela nos revela que o brincar é a condição da inocência na ação. Não desdenhemos isso só por que, baseados em nosso distanciamento na pretensa seriedade da vida adulta, ele nos parece trivial ou não-transcendente.

Nossa origem humana está em uma linha de primatas bípedes, que pode ser rastreada até cerca de 3,5 milhões de anos passados. Esses seres originais na história da humanidade tinham mais ou menos o tamanho de uma criança de oito anos de idade. Caminhavam na posição ereta, como nós, e devem ter sido caminhantes com a mesma capacidade que temos para movimentar o corpo de acordo com o modo de viver. Sua massa cerebral era cerca de um terço da nossa, e é possível afirmar que viviam em grupos relativamente pequenos – 5 a 10 indivíduos, incluindo adultos, jovens e bebês. Esses seres eram coletores de alimentos: sementes, nozes, raízes e restos de outros animais deixados por carnívoros predadores. De fato, comiam os mesmos alimentos que agora cozinhamos para alimentar-nos, embora naquele tempo fossem sementes de pastagens silvestres, que não produziam os grandes grãos que agora comemos, ou então raízes suculentas, diferentes das que cultivamos.

Título original:

*Amor y Juego - Fundamentos Olvidados de lo Humano desde el patriarcado a la democracia*

Copyright © 1993 by Humberto R. Maturana e Gerda Verden-Zöller

Revisão técnica: *Humberto Mariotti, Lia Diskin*

Revisão: *Adir de Lima, Cristina Zauhy*

Projeto gráfico e editoração: *Maria do Carmo de Oliveira*

Layout capa: *Soma, CP Comunicação*

Impressão e acabamento: *Cromosete*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maturana, Humberto R., 1928-

Amar e brincar : fundamentos esquecidos de humano do patriarcado à democracia / Humberto R. Maturana, Gerda Verden-Zöller ; tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. -- São Paulo : Palas Athena, 2004.

Título original: *Amor y juego : fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia.*

Bibliografia.

204 págs. 16 x 23cm ISBN 978-7242-048-7

1. Antropologia social 2. Cognição e cultura 3. Cognição em crianças 4. Democracia 5. Mães e filhos 6. Patriarcado I. Verden-Zöller, Gerda. II. Título

04-2189

CDD-306

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Antropologia cultural : Sociologia 306

3ª edição - outubro 2011

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem a autorização prévia, por escrito, da Editora.

Direitos adquiridos para a língua portuguesa por

**PALAS ATHENA EDITORA**

Rua Leônicio de Carvalho, 99 - Paraíso

04003-010 - São Paulo - SP - Brasil

fone: (11) 3266-6188 - fax: (11) 3289-5426

www.palasathena.org.br editora@palasathena.org.br

04003-010 - São Paulo - SP - Brasil

fone-fax: (11) 3289.5426 - (11) 3266.6188

www.palasathena.org.br editora@palasathena.org.br

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

9

### CONVERSÇÕES MATRÍSTICAS E PATRIARCAIS

*Humberto R. Maturana*

25

### O BRINCAR NA RELAÇÃO MATERNO-INFANTIL

FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS DA CONSCIÊNCIA DE SI MESMO E DA CONSCIÊNCIA SOCIAL

*Gerda Verden-Zöller*

117

### BRINCAR: O CAMINHO DESDENHADO

*Gerda Verden-Zöller - Humberto R. Maturana*

217

### EPÍLOGO

247

### GLOSSÁRIO

261